

A REGENERACÃO

AVENÇA

Ano XXII

Semanário regionalista

N.º 672

Composto e impresso na Tipografia Figueiroense
Figueiró dos Vinhos

Director, Editor e Proprietário:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração—Rua Major Nental de Abreu
Figueiró dos Vinhos

Teatro

do Povo

Na tarde de domingo eis que começam a chegar os carros portadores dalgumas horas de alegria.

E' o Teatro do Povo instituído pel S. N. I. que a todas as terras de Portugal tem acordado para deleitar com umas horas de arte, as almas rudes dos nossos camponeses, para que estes esqueçam num serão agradável as suas hortas, os seus pomares, a sua lavoura, a enxada e o arado, o esforço despendido durante semanas, meses e anos.

Arma-se o teatro num dos melhores locais da vila e quando a noite do primeiro espectáculo chega, a pouco e pouco, aquela rua transforma-se num mar de cabeças.

Os bilhetes não chegam, mas que importa, o corpo habituado à fadiga e a uma labuta violenta, não acha esforço ver toda uma peça de pé.

Ilumina-se, o local e pouco tempo depois vimos ondular o pano de boca e destacarem-se no palco o ilustre presidente da nossa Câmara, sr. dr. Manuel Simões Barreiros e o Padre sr. António Inglês que tomando da palavra vai fazer a apresentação do Teatro do Povo.

A sua voz levada pelo microfone esclarece-nos da iniciação do teatro, a sua acção o seu encanto e maravilha, o seu entusiasmo pela arte que aprecia quando bem desempenhada e ao terminar ouviram-se de todos os lados uma salva de palmas para as duas figuras que as transmitirão aos dirigentes superiores como um agradecimento pelo seu obséquio.

E na nossa vila, em duas noites consecutivas de intervalo a intervalo as palmas ecoaram nessa rua e pelo jardim.

Peças escolhidas que, ou fizeram assomar aos olhos de muitas almas que ali viviam esses quadros momentaneos as lágrimas de comoção, ou incitando o riso das crianças que se propagava como contagioso que é.

Nada temos a dizer dos artistas, pois são-no do facto e já porque foram escolhidos pelo S N I que de entre os muitos não podia deixar de escolher os melhores.

Gente amável, que sabendo o fim do Teatro vão de terra em terra deixando saudades com a sua tristeza ou com as suas bobices.

Pela vila recorda-se ainda o Zé Caniço ou as arengas do Dr., da peça posta em cena no primeiro dia e que muito bem se coordenava com o meio onde se representava. Toda essa gente a entendeu, porque é o seu modo de viver é a peça sabe Deus de quantos—trabalhar o campo, vida rural — e filhos... a cabularem.

Terminaram os espectáculos e no dia que segue lá vão eles de longada a levar a outros as mesmas horas de alegria e entretenimento que nos proporcionaram a nós

Bem hajam pelo seu esforço e para os nossos dirigentes e para esses artistas aqui ficam os nossos agradecimentos.

Brigadeiro Carlos Augusto Dias Costa

A passar alguns dias de visita ao ex.º sr. Tenente Gomes Teixeira esteve nesta vila na passa da semana o Brigadeiro sr. Dias Costa, comandante da 3.ª Região Militar com sede em Tomar, que vinha acompanhado de sua ex.ª Esposa.

Determinação Ministerial

Por determinação do Ministério da Economia passaram a ser vendidas ao comércio retalhista e ao público em regimem de libertação de preço as miudezas de porco: cabeça, chispe, rabo, torresmos, baço, fressura completa, fígado, pulmão, coração, morcela, chouriço mouro e cacholeira bem como pato e salpicão.

Pensando em nós e nos outros

Enquanto, para além dos Pireneus, os tratadistas da nova era bíblica consertam opiniões, sentados à mesa da Paz; enquanto o calor das discussões sofre baixas de temperatura vindas das bandas da Europa Oriental na crista das ondas frias, Portugal continua lavrando a terra, reparando e construindo estradas, actualizando a marinha mercante, corrigindo dificuldades de um ano agrícola menos que sofrível, emblezando os aspectos mais pitorescos—esses múltiplos que fazeres de lar bem ordenado.

Deburçado sobre a gleba, pensando nos mares alto, preparando a labuta das ceifas, tendo quase à porta a faina alegre das vindimas, Portugal—terra nossa em todos os oceanos—está em tranqullo viver, nesta hora inserta de ruínas e de dó, mas sem pôr de parte—notemos fortemente o promenor—o sentimento cristão que inspira, às almas bem formadas, as vicissitudes do sofrimento e da desventura alheias. Assim aconteceu, duran os anos de guerra, hospedado fidalgamente os fugitivos à invasão alemã, salvando do desespero os naufragos tropediados, oferecendo as suas gares terrestres e marítimas para embarcadouro de melhor caminho. Assim sucede hoje correspondendo ao apelo dirigido pelo director da U. N. R. R. A., para um auxílio às populações necessitadas dos países devastados, por resolução do Conselho de ministros, que tomou o encargo de "contribuir para aquele fim, com mercadorias disponíveis no mercado nacional, até ao valor de 25 mil contos."

Qual a razão forte deste remar proficuo contra a nortada mundial? Quais os imperativos que magnetizam tão satisfatoriamente a "rosa dos ventos", no seu giro desconcertante de doubtadura atontada? Porque nós todos, grandes e pequenos, com prendemos no seu verdadeiro sentido o pensamento de Salazar: "Se há obstáculos, dificuldades, perigos, melhor: a considerá los a vence-los se caldeia e fortalece a alma dos individuos e dos povos; nem podem meter-nos receios tarefa que apesar de tudo são menores do que as levadas a cabo por nossos avós. E nós somos ainda a mesma nação, a mesma raça, o mesmo povo."

Melhores tintas não encontraríamos para focar o retrato de quem anda, há mais de 800 anos, a servir-se de si próprio, na esfera da terra!

Este jornal foi visado pelo Comissão de Censura

Carta de Lisboa

"Eles" aí estão

A atitude da Russia para com Portugal pondo o seu veto à nossa entrada para a U. N. O. deu ocasião a que, a nossa quinta coluna comunista, que cá na terra para vergonha de todos dá pelo nome—triste nome—de M. U. D. embandeirasse em arco e botasse manifestasse, não para reprovar a acção da Soviécia, de todo o ponto incompreensível, não para agradecer a atitude das

grandes democracias em nosso favor e defesa, mas—pasmem ó gentes—para aplaudir e justificar a posição bolchevista, uma coisa que nem os próprios comunistas se deram ao trabalho de fazer, porque entenderam e se calhar com mais lógica, que os seus lacaios portugueses, que a sua atitude por ser como era não tinha de ser justificada.

Para aqueles que ainda tinham ilusões e acreditavam que O M. U. D. possuía, num ou noutro aspecto, rectas e sãs intenções, o manifesto de agora deve ter servido para tirar todas as peneiras. Obra de pura traição, de inqualificável traição eis o que é o M. U. D. Quando todas as de a sério, pretendem erguer se contra o poderio imperialista e totalitário da Russia, há neste canto ocidental da Europa uns pseudo-democratas que teem o descaro, o inclassificável impudor de alinhar com a Soviécia de aplaudi-la e precisamente quando a barbaria se alevanta contra o País que teve a infelicidade de lhes ser pátria. O M.

(Continua na 2.ª página)

A pontamentos

por A. GUILHERME

O meu prezado amigo sr. D. Rafael Laffón, ilustre poeta espanhol, é um homem que ama a paz, a solidão, o isolamento. Ora é claro que tudo isto convinda à oração, àquele estado de alma em que a criatura se liberta da mesquinhez da materialidade para viver uma vida espiritual mais perfeita e solene.

O próprio poeta nos adverte de antemão: "Mi vida es simple y solitaria. Cuando termino mi esforzada labor cotidiana, corro con fruición hacia mi soledad, mi silencio, mi biblioteca, mi jardínillo, mi casa lejana, sosegada y limpia."

Eis a razão de ser deste seu último livro — **Poesias** — de que o poeta acaba de me enviar um exemplar, acompanhado de gentil dedicatória, favores que agradeço. Todo este seu livro é oração, cântico, murmúrio e louvor. Ele nos fala da alma que se ergue para Deus, nas asas da fantasia e da fé que a anima.

Versos tocados de espiritualidade, de candor, de imaculada beleza, dá prazer lê los, consóio de alma, regalo do coração.

Certo que, por vezes, a poesia de Rafael Laffón é impenetrável — como certos mistérios em que a fé acredita e afirma, mas não explica. Mas temos de acordar que toda a poesia deste poeta é perfeita, alevantada e pura, porque as labaredas da sua inspiração, que abraçam sem queimar as asas do sonho a que aspiram, chegam a tocar as perfumadas e divinas regiões do Ideal.

Lendo as páginas deste seu livro, sentimos que nos banha uma luz de altura — porque a doce religiosidade que as inspira, longe de se prender a um mito,

transmite-nos uma alentadora mensagem de universalidade. Assim, Rafael Laffón consegue colocar-se a par dos maiores poetas místicos da hispanidade — que deram lições ao mundo e às almas.

Meditemos na eufónica beleza criadora deste pequenino poema — que é o vôo de asa, perfume de flor, trino de ave, que é um cantar e é doutrina:

«Ni línea, ni color, ni voz suave, ni el mirar que fascina... ¡Tan sólo tu divina gracia de sonreír que a cielo sabel

Sonrisa — cielo —, quien te goza, apenas, se da cantivo de tu fuerza ingrave — ni línea, ni color, ni voz suave... sin cárceles, sin guardas, sin cadenas...»

Depois de tudo isto, claramente fica demonstrada e à vista a sólida estatura dum poeta. E nobre e é puríssima a inspiração de Rafael Laffón — a quem a solidão ensina mistérios poéticos profundos e sublimes. Eis o melhor fruto que a sua poesia nos pode dar.

Este seu livro está gráficamente bem apresentado.

A ONDA

NOTÍCIAS DE

Foot-Ball

Benguela

Os indígenas vão ser obrigados a usar vestuário digno

A folha oficial publicou uma portaria determinando que, a partir do próximo ano, os indígenas que transitem nas ruas de povoações de população europeia, são obrigados a usar vestuário digno e higiénico, que constará pelo menos de calção ou calça e camisa, camisola ou casaco, para os homens, e blusa e saia ou pano para as mulheres.

Já há muito que esta medida se impunha porque é frequente verem-se pelas ruas, indígenas pouco menos do que nus.

Angola vai abastecer a metrópole de feijão

Angola vai fornecer à metrópole 11.000 toneladas de feijão aos seguintes preços: Cif Tejo: Vermelho, quilo 2,70, branco miúdo, quilo 3,10 outras qualidades 3,30.

Há ainda bem pouco tempo, aproximadamente uns 4 anos, que o feijão aqui não valia mais que 1,00 por quilo.

S. Ex.º o Governador Geral visitou o sul de Angola

No passado dia 20 de Agosto estive no Lobito o sr. Comandante Vasco Alves Lopes, Ilustre Governador Geral de Angola, que de avião seguia viagem para uma visita ao Sul de Angola onde foi analisar diversas realizações em curso.

Nas exportações da metrópole para o ultramar Angola, o oliente ocupa o 1.º lugar.

Durante o ano de 1945 a Metrópole exportou para as Colónias perto de 100.000 toneladas de carga, desta coube a Angola perto de 40.000 toneladas, sendo a restante distribuída por Moçambique, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe e Colónias do Oriente.

Quanto à natureza das mercadorias exportadas, o cimento ocupa o 1.º lugar, o que demonstra a actividade constructiva que se vem realizando no nosso Império Ultramarino. Desta actividade podemos destacar a construção do Porto de Luanda, uma obra que Angola fica a dever ao Estado Novo, obra de notável valor e importância para a economia de Angola.

Anomalias

Há coisas que, embora verdadeiras, custam a acreditar. Esta é uma delas. Um bilhete de identidade ou carta de condutor de automóveis passados por autoridades portuguesas de Angola, terra tão portuguesa como qualquer provincia de Portugal Continental, não tem validade na Metrópole portuguesa.

Creemos que este estranho caso não é do conhecimento de quem de direito, porque se o fosse, acreditaríamos que esta estranha anomalia deixaria de existir.

Benguela, Agosto de 1945

em Figueiró?!...

Parecia mentira mas afinal foi verdade.

Chegou-se a dizer que os homens que já não vinham mas alguém "com olho clínico" afirmou que vinham e que tivéssemos cuidado.

Surgiu a manhã do dia 15 e com ela um belo dia. A rapaziada entusiasmada trata do cartaz anunciador do facto não tarda que seja espetado na parede "como tantos outros" que já por lá passaram.

Todos admiravam aquela beleza de arte, para cujo autor aqui deixamos um voto de louvor mas talvez mais por anunciar um acontecimento estranho entre nós do que verdadeiramente pela execução do trabalho. A nós porém, surgiu-nos a pergunta: «Quem é o grupo que nos visita? Não se fez tardar a resposta «Os rapazes do Avelar», — O Atlético Club Avelarense em retribuição da nossa visita de Domingo último.

Assim se passou a manhã de domingo e parte da tarde, que como sempre foi muito movimentada para os jogadores cá da terra, talvez para treino... uns porque procuraram botas, outros por que lhes faltava os calções etc. etc. até que chegaram as 17 horas para que estava anunciado o início do encontro. A vila começa então a despojar-se apesar do calor ainda intenso.

A alameda do Barreiro regista a maior enchente da época.

Nós que pela nossa missão costumamos ser pontuais fomos dos primeiros a chegar ao estádio do Barreiro.

O campo, de longe, pareceu-nos de luto mas vimos depois que tal aspecto tinha sido obra dum boa medida, de contrário teríamos de usar "binóculo" para ver os jogadores... tão crescido estava o relvado.

Na torre soam as 17 e 30, depois as dezoito e as equipas sem estarem em campo. Os jogadores aparecem aos poucos. Alguns são alvos de salvas de palmas descortinando assim a nuvem de pudor que os acompanhava.

Os jogadores do Avelar renneme-se e pouco depois entram em campo. O público aplaude-os com longa salva de palmas.

Os figueiroenses procuram gruparam-se mas... ainda faltam 4...3...2...1 e é neste momento que mesmo desfalcados entram em campo. Nova salva de palmas se faz ouvir mas desta vez com mais vida... ou não fora incitar os nossos rapazes.

Cumpridas as formalidades de antes da partida, a bola vai ao centro.

Surge então o momento mais impressionante da partida. «Um minuto de silêncio à memória do que foi nosso companheiro de campo. Anibal da Conceição Fonseca. Acabado este é dado o pontapé de saída por uma gentil menina figueiroense, após o que começou a partida.

As equipas destacam-se bem em campo. A figueiroense calção preto e camisola com listas perpendiculares tendo no braço esquerdo uma cinta preta.

A avelarense, calção preto e camisola branca rebordada a preto.

Ambos os grupos parecem comprometidos.

Joga-se no meio do terreno. Não há vida. Falta de genica os jogadores esperam que a bola lhes venha ter ao pé.

Os avelarenses começam a fugir

e surge o primeiro remate que foi defendido pelo nosso guarda-um bom golpe de vista. A bola passou a uns 4 ou cinco metros do poste. Surgem depois pontapés uns na bola outros na atmosfera até que os avelarenses a meio do 1.º tempo marcam o primeiro ponto, aproveitando uma boa oportunidade quer de chutar quer de violar o fraco do nosso guarda-um.

Os figueiroenses reagem mas sem coordenação e momentos depois aproveitando uma excitação dos dois defesas avelarenses que disputavam a bola entre si em frente das balizas um dos nossos enfiou-a sem remissão.

Há grande alarido mas nem por isso os grupos deixam a velha rotina: — Jogo pessoal, sem coordenação e sempre para a frente, esteja ou não jogador para receber a bola.

Chega o intervalo com ambos os grupos empatados a 1-1.

Fazem-se substituições e recomendações, bebem-se laranjadas.

Era mais bola menos bola e o que queriam era ter onde passar esta linda tarde o que não é vulgar termos sempre.

O arbitro dá o sinal e recomeça a partida. Agora, dizem, estão melhor os figueiroenses porque têm melhor campo para actuarem, a parte norte do campo, plana e sem relva.

Os figueiroenses atacam mas em vão. Os defesas avelarenses repelem tudo para onde for e seja como for.

É numa destas vezes que surge o seu segundo tanto, por infelicidade do nosso defesa que a virar uma bola entrega-a casualmente a um jogador contrário em frente da baliza.

Era certo... e na verdade não tardou a confirmação do tanto.

Os figueiroenses reagem novamente e desta vez são quem manda no terreno. Aparecem aqui e além esboços de prodígios por parte dos nossos até que surge o homem do momento que com um pontapé fortíssimo consegue bater o guarda-avelarense pela 2.ª vez.

Joga-se. Dão-se pontapés de todas as formas e feitios mas tentos não aparecem.

A velocidade do jogo não decrece mas — «de vagar é que se vai ao longo» o arbitro dá por terminado o desafio com um empate a 2 bolas.

Zélio A

Grémio da Lavoura

Informam-nos que por despacho Ministerial de 27 de Agosto do corrente ano, foram fixadas as condições em que se poderão conceder licenças para instalação de pequenos estabelecimentos de moagem destinados à moenda de produtos para uso exclusivos das casas agrícolas para os seus proprietários, bem como para a reabertura dos que se encontrarem fechados há mais de 2 anos.

Para esclarecimentos detalhados dirijam-se à Secretaria do Grémio, nesta vila.

LANIFICIOS

Comissionista com carro seu aceita representações para a região do Ribatejo — C. Pereira Arinto — Torres Novas.

Esta coisa a que se convencionou chamar Humanidade atravessa agora e... sempre, crises terríveis em que se geram grandes e epidémicas doenças. A mais digna da Atenção e em todos pontos põem os olhos, é a de enriquecer seja de que maneira for. O seu grande campo de acção é o mercado negro. Tudo serve para os fins em vista. O lucro, o grande lucro, domina os cérebros melhor equilibrados e transforma-os em maquiavélicos engenheiros de enganar o próximo e tornar impossível a economia doméstica. O comércio honesto e compensador, deu lugar à ambição do comerciante sem escrúpulos que tudo acambara e leva à ruína e ao depauperamento, os pobres consumidores. Nada escapa à sua cubice, desde os géneros de primeira necessidade aos artigos bem dispensáveis.

No sentido de pôr cobro a estes destemperos, legislou com acerto o Governo do Estado Novo, medidas repressivas, pondo ao léme um experimentado cidadão de cujas qualidades de valor e saber muito há a esperar. De facto o sr. Capitão Silva Pais já mostrou nas suas rápidas decisões, quando já esteve em quase idênticas funções, o que dele podemos esperar.

O mal do mercado negro não é, infelizmente, circunscrito a um País, ramifica-se por toda a parte. Na Inglaterra, tão rica de virtudes cívicas, luta-se igualmente com imensas dificuldades de mercado negro.

Algumas das cotações desse mercado: — Bananas (que se não encontram fora deste mercado) 4\$00 a 5\$50 cada uma. Tomates 28\$00 de um; galinhas de 72\$00 a 83\$00 cada quilo; manteiga, de 60\$00 a 70\$00; pão, de 11\$00 a 14\$00; etc. etc. Esperamos, porém, que a Europa vencerá esta praga que lhe caiu em cima porque Deus fez as nações curáveis.

Vale mais só do que mal acompanhado — rifão popular. É o caso da entrada de Portugal na U. N. O. cujo pedido foi regatado pela Rússia e um satélite a Polónia e aprovado pela Inglaterra, Brasil, Holanda, China, Egipto, França e México. Apesar desta esmagadora maioria, Portugal não foi admitido porque a Rússia opoz o seu veto. Veto é o poder abusivo e antidemocrático que permite a um país neutralizar a vontade de todos os outros. Pois a Rússia a democrática

U. D. decididamente anda em viva maré de infelicidade. E dizemos assim porque, depois de o manifesto de agora não é possível a nenhum português de bem e de carácter, aliar junto dos homens que de maneira tão censurável não se pejam de tomar partido contra sua Pátria, de aparecer a justificar atitudes dos que por todos os meios e por isso procuram desprestigiar Portugal, não somente fazendo a defesa do Moscovismo, mas, mais do que isso ainda, insinuando que no auxílio prestado pelo nosso Governo à Inglaterra e à América, as grandes democracias do Mundo empenhadas em vencer o totalitarismo que punha em risco a Paz dos povos, não foram devidamente acautelados os nossos direitos de soberania.

Decididamente, a nova quinta coluna comunista em matéria de traição não podia fazer nem mais, nem melhor, nem mais completamente.

Rússia não pode evitar a pitada contra nós porque sempre tivemos a hombridade de não comungar as suas corrosivas doutrinas. Esta votação do Conselho de Segurança da U. N. O. não diminuiu prestígio de Portugal. Pelo contrário, aumentou e mostrou que estava bem acompanhado e mostrou também a ingratidão da Polónia a quem tanto bem lhe fez durante a guerra.

Portugal foi convidado a enviar observadores à Conferencia Internacional de Alimentação. A este convite não pode a democrática Rússia opor o seu veto.

A consulta ao povo grego sobre se devia voltar a gerir os negócios da nação, sua magestade o rei Jorge onde devia ser proclamada a república, foi favorável à vida do rei por grande maioria. E' quase uma excepção à regra.

Para fechar:

Num quartel militar, um capitão, oficial do dia, fez uma longa perlecção sobre o significado da Pátria, frisando bem que eia é a mãe comum de todos os portugueses e, como tal, por ela devamos sacrificar tudo, incluindo a própria vida. Ao terminar dirigiu-se a um soldado e perguntou-lhe, 27, o que é a Pátria? A Pátria, meu Capitão, e a minha mãe. Muito bem! E tu 21, sabes o que é a pátria? Sei sim, meu Capitão, a Pátria é a mãe do 27!...

Ulysses Júnior

CARTEIRA

Nascimento

Deu à luz uma robusta criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Isolina Barreiros Duarte, esposa do sr. dr. Domingos Duarte.

Os nossos parabens aos pais e um futuro risonho ao recém nascido.

Partidas e Chegadas

De passagem para Vila Facaia, onde, com sua esposa e filhos, vai gosar algumas semanas de merecido repouso, honron-nos com a sua visita, no passado dia 12 do corrente, o nosso assinante sr. Norberto Rodrigues Bártolo, aposentado da Guarda Fiscal e Comerciante em Lisboa.

A passar alguns dias com sua família encontra-se nesta vila vindo de Lisboa o sr. Joaquim M. Leitão.

Nas Varzeas esteve acompanhado de sua esposa e filho o sr. dr. José Coelho da Fonseca.

Para as terras do Gerez seguiu na passada semana o sr. António Alves Tomaz Agria que foi acompanhado de sua esposa.

Tripa Seca

Comunicam-nos da Delegação da I. G. A. nesta vila, que para conhecimento do público se esclarece que a venda de tripa seca é livre mas que o seu transitto obedece a guias passadas pela Junta Nacional dos produtos pecuários.

Não é permitida a preparação de papada de porco por maneira a torná-la um produto fumada nem a sua venda quer por parte dos industriais quer pelos retalhistas por preços superiores aos fixados para o toucinho.

COISAS DA VIDA

XVII

Deseducação... descaracterização...

«O problema educativo é problema fundamental da vida portuguesa. E' o fulcro à volta do qual gravitam ou devem gravitar todas as actividades nacionais.»

A educação é elemento primordial da base constitutiva da sociedade.

Não pode esta subsistir se dividida entre si por lutas fratricidas, guerras intestinas, se a anarquia e a desordem nela se estabeleceram.

Porisso, as leis porque se regem os indivíduos, se determinam os direitos e obrigações de cada um.

A boa educação é o revestimento desta ossatura rígida, de princípios leis, imposições; o liame que unifica a estrutura; o sol que doira a paisagem; o ornamento da casa o último retoque; é o regular funcionamento da máquina social.

A educação é necessária em todas as profissões; em todos os sectores da vida social.

Necessitam de serem educados os chefes e os subordinados, para que uns e outros cumpram honestamente seus deveres.

A instrução pura e simples não basta para resolver o problema da educação. Instruir nem sempre é educar.

«Há pessoas eruditas e instruídas que se revelam sumamente deseducadas, quer no cumprimento de seus deveres, quer nas suas relações sociais.»

A escola em 1910 tomou no nosso país orientação diferente, pretendo simplesmente instruir. Viram-se logo os péssimos efeitos de tão errada visão. Ultimamente, num gesto digno e compreensivo de reforma, de novo se orientou no sentido educativo e, chamou-se mesmo à Instrução, Educação Nacional.

Educar é mais que instruir, fazer luz, falar a inteligência; é ainda formar o coração e o caracter.

Analfabetismo e ignorância não significam porisso, falta de educação. Há pessoas analfabetas, rudes, simples, mas duma honradiz e probidade comprovadas, de uma rectidão e justiça que bem dizem do seu lidimo caracter.

Ao passo que tantos diplomados com vários cursos técnicos e superiores se mostram longe desta rigida tempera do dever e de formação.

Falta de educação é o egoísmo nas demasiadas atenções e cuidados que cada um se vota a si mesmo, com pouco ou nenhum interesse pelos outros.

E' na gare ao tomar lugar nos combóios; nos passeios das ruas da cidade, onde se pára em conversa despreocupada e menores que nada têm que fazer embarçam o trânsito a quem tem pressa.

Mostra-se deseducação na maneira enfatuosa e superior com que por vezes, se olha o próximo.

O alfacinha chegado da capital, onde se occupou a dar servidão a pedreiros, agora de fato de côr e de gravata vermelha, olhando reservada e superiormente a todos.

E' ainda o desrespeito dos novos pelos velhos, que na linha curva da vida quase juntam os extremos e nesta simpática idade, pouca simpatia despertam aos novos quando não detentores de normas de boa educação.

Revela-se ainda em escrever obscenidades, palavras infames em certos lugares comuns, riscar, traçar as paredes... E é gente pseudo-educada bem vestida por vezes quem comete estas inferioridades. Já o nosso João de Deus diz a no seu tempo, que Portugal era um

aglomerado de quatro milhões de portugueses de ambos os sexos, os quais no referente a alfabetismo, sabiam apenas fazer riscos com carvão na parede.

E' desolador e sintoma de educação falhada o facto de os alunos instrução primária conspurcarem as paredes do mesmo edificio escolar.

As da catequese de igual modo traçaram as paredes do templo, onde se ensina e prepara a alvura das almas.

Deseducação ainda, palavras de sentido duvidoso, no declínio moral, traduzido no desmoralização de costumes, linguagem desbragada; o calão bruto, o termo charro profirido a pé por quem devia timbrar em possuir uma linguagem com elevação e superiormente educada.

A falta de ordem e método de trabalho; a desorganização mental na inversão de conhecimentos, adquirindo-se uma bagagem de inutilidade.

Sab-se o nome das estrelas de cinema, das marcas de automóvel, dos desportistas, de quem melhor acertou o pontapé na bola... e descuram-se assuntos de interesse, os problemas fundamentais da vida.

A insensatez, com que se falta a um compromisso, so' ilude e usa de dolo, má fé, deslealdade, o desapontamento...

A esta deseducação ou descaracterização reveste por vezes, formar aristocratas, entra nos meios intellectuais pseudo-civilizador.

Quantas vezes, o aldeão rudo e caljado do trabalho possui uma alma simples, um caracter formado na justiça, na rectidão, no amor à verdade, a contrapor a supremacia senhoril e fidalga que na mais hábil indústria de verniz e polido externo sabe apenas ter aparências e exerce formas totalitárias de opressão e desprezo aos direitos da plebe.

A mentira arvora-se por vezes, sobre pedestal de orgulho imperioso que tudo domina; destrói ou avassala escondida sob leves tintas de justiça e verdade, disfarçada matreiramente em zelo, altruísmo, caridade, ordem, disciplina, justiça bondade...

Mentira, manha, hipocrisia, deseducação ou descaracterização...? Setembro de 1946

M. Gonçalves

Falecimento

Com a idade de 96 anos falleceu na vizinha vila de Aguda freguesia deste Concelho a sr.^a Luiza Adelaide Augusta Teixeira, da Conceição mãe do sr. Tenente Gomes Teixeira, Fernando Gomes Teixeira e da sr.^a Maria Augusta Teixeira.

Tia da esposa do sr. Capitão Silva Mendes e da esposa do sr. Tenente Carvalho Machado das Caldas da Rainha.

A familia enluta e apresenta «A Regeneração» sentidas condolências.

Alugam-se em Vilas de Pedro. Informa, Maria dos Santos David.

Propriedades

Alugam-se em Vilas de Pedro. Informa, Maria dos Santos David.

NOTICIAS de CAMPELO

A Ermida que há pouco solemnemente se inaugurou, foi — por iniciativa de Joaquim Manuel dos Santos, — primitivamente delineada para o aproveitamento da Capela particular que fóra de Maria Mcca, e que por morte desta se encontrava ao abandono.

Estávamos em princípios de 1945. Formara-se, já por essa data, uma comissão de bons filhos desta humilde mas honrada terra, que, num gesto que muito nobilita, deliberaram, ousadamente meter ombros à grande, à enorme tarefa de construir uma Ermida totalmente nova e, em local mais apropriado, e mo se isso não representasse já um trabalho de gigantes à primeira ideia. Que lubuta, que canseiras não foram precisas para que a sua piedosa iniciativa viesse a florir!

Não é possível esquecer, por isso, o nome de mais quatro desses incansáveis obreiros a quem se fica devendo esta notável realização:

— José Simões, José Francisco dos Reis, Manuel Francisco dos Reis e Alvaro Francisco dos Reis.

Todos eles, sem excepções alem de um grandioso trabalho, generosas dádivas, angariaram entre os seus amigos os fundos necessários para levar a bom termo esta obra.

Seria injustiça não citar aqui, também, o povo deste lugar. Ele soube cumprir o seu dever, e a ele se deve, por essa razão, em grande parte o bom termo dos trabalhos para os quaes concorreram com o melhor do seu esforço.

A todos pois, que directa ou indirectamente prestaram o seu auxilio para que esta Casa de Deus viesse a ser uma realidade, a todos repito, se deve reconhecer o merito eterno, e que isso mesmo compreendam as gentes vindouras para Honra e Glória da Virgem N. S. da Boa Viagem, e como voto de Fé da nossa terra, são os meus maiores desejos.

Peralcovo Setembro de 1946

Joaquim Manuel dos Santos

APRENDIZ

de marcenaria precisa se nesta redacção se diz.

Cobrança

Dados os encargos que temos rogamos aos nossos amigos e assinantes, incluindo os das colónias e estrangeiro, ou seus procuradores, favor de virem satisfazer as suas assinaturas em atraso. Aos que por qualquer motivo não possam dar o prazer da sua presença na nossa Redacção, rogamos o obsequio de nos remeterem aquelas importâncias, afim de evitarmos despesas.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos e assinantes:

Zilo Alves da Silva, Augusto José, João Alves Caldeira, António Carvalho Rosinha e Manuel da Silva Quaresma, de Figueiró;

António Leitão Abreu, João dos Santos Abreu e Manuel Martins, de Lisboa.

António Lopes, de Arega. Anihal Silveira Herdade, Quinta da Telhada.

Adriano Simões, Baira;

Domingos Duarte

Médico Municipal Sub-Delegado de Saúde

Figueiró dos Vinhos

Vende-se

METADE de todas as propriedades em Vilas de Pedro da Casa Plácidos.

Para mais informações—António Plácido David—Sardas de São Pedro.

Adelino Lourenço dos Santos, Lourenço Marques; Manuel Simões Herdade, Brasil. A todos os nossos agradecimentos.

Caça!!

O maior sortido docentro em artigos de caça Espingardas Minerva, Ugartechea de importação directa Carluxos carregados em Balança de Electro-Precisão Preços especiais para revenda em competição com Lisboa ou Porto

Casa Almeida

(Titulo registado) 12-4

Telefone 3423 Apartado 92

COIMBRA

Companhia de Seguros COMERCIO E INDUSTRIA

Sede em Lisboa — R. dos Sapateiros, 22

Capital e Fundos de Reserva — 47 mil contos

Sinistros pagos — 122 mil contos

Seguros em todos os Ramos

Agente em — Figueiró dos Vinhos

JOÃO GODINHO ROCHA

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO LISBOA

Castanheira da Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da

Sede: FIGUEIRO DOS VINHOS — Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO		6,00	LISBOA		9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Asambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Effectua-se diariamente

Effectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral		5,40	Bolo		17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,05	—

Effectuam-se às sextas-feiras

Effectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa — R. da Palma N.º 268 — Tel. 28114

DA QUEM TREVIM

Número 3

Página Regional de Castanheira de Pêra

Ano I

Avença

Redigida por Luso & Egas

Castanheira de Pêra

Homenagem

No dia 1 do corrente foi esta vila visitada pelo senhor Comendador António da Silva Parada, do alto comércio de S. Paulo, Presidente do Conselho da Casa de Portugal naquele Estado Brasileiro e também Presidente da Beneficência Portuguesa de S. Paulo. Em seu próprio nome e em representação daquela Benemerita Instituição e ainda também do senhor doutor Osório Cardoso, sobrinho do senhor Visconde de Nova Granada, sua Ex.^a após no mausoleu do senhor Visconde de Nova Granada, no cemitério Municipal desta vila, lindos ramos de flores vindas propositadamente de S. Paulo. Com este acto, quisera os portugueses de S. Paulo homenagear mais uma vez Aquelle que durante muitos anos, à frente da Beneficência Portuguesa, muito fez em prol dos mais necessitados.

O senhor Comendador Silva Parada, que já tínhamos a honra de conhecer pessoalmente, vinha acompanhado de sua ex.^{ma} Esposa e do nosso amigo senhor Egydio Pereira de Oliveira Azevedo e sua ex.^{ma} Esposa.

Depois de terem almoçado na Pensão Familiar, suas ex.^{mas} acompanhados do senhor dr. Avelino Duarte Santos, Provedor da Misericórdia (Hospital de S. José instituído em 1901 pelos Viscondes de Nova Granada) e pelo sr. Paulo Proença, funcionário desta instituição, visitaram a Casa da Criança Rainha D. Leonor, o Hospital e as Escolas da vila, tendo em seguida regressado ao Luso onde o senhor Comendador Silva Parada se encontra de veraneio. O senhor Egydio Azevedo com sua esposa, ficaram na Mealhada onde tem a sua residência.

Limpeza das ruas

Existe nesta vila um assalariado camarário com o fim de promover a limpeza normal das ruas da terra que, não sendo muitas, poderiam estar convenientemente limpas. Porém, o que sucede, é esse assalariado prestar os seus serviços por toda a parte, em todos os fins, descurando precisamente aquele para o qual está contratado. De tal maneira o faz que não é difícil verificar que as ruas da vila se encontram pouco recomendáveis à vista daqueles que nos visitam. Os de cá estão habituados...

Bairro operário

Cada vez se torna mais necessária a construção de um bairro operário nesta vila, para facilitar instalações aos operários da indústria de lanifícios que vivem, de um modo geral, em casa sem condições algumas de habitabilidade. Porque se não promove aqui a construção de um bairro desta natureza, através da Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios como se vai fazer na Covilhã e Gouveia?

Não participará também a Castanheira para aquela instituição e não serão também os seus trabalhadores dignos de serem lembrados?

NA CRISTA DAQUELA SERRA

(Conclusão)

E a romaria continua... Os gaiteros armam danças. Os foguetes voavam numa ascensão nervosa, troadora. E eu desviei-me da turba elegante. Quis ver ver mais...

Arrumados ao lado, comendo lautamente, encontrei trabalhadores que reparam a estrada que liga a Santo António da Neve. As suas máscaras maquiadas pelos raios de um sol ardente tinham vincos de reconhecido contentamento, por partilharem daquela Festa onde o coração não esqueceu os humildes. Ao fundo, com o seu carro tirado a bois, negociava em bebidas o tio Simões. Depois... encontrei nos «poços» que em outras eras foram de distinguida utilidade pública, fornecendo gelo a todo o País. São três descomunais capacetes sólidos. Parecem vigilantes do imóvel, construídos com pesados pedregulhos, indestrutíveis. Não há raio que os danifique — a não ser o Tempo... que gera raízes e desgasta raízes!

Alguém me explicou:

— Não sabe? Estas paredes são testemunhas de uma tragédia...

Muito próximo tagarelava-se. Eu e o meu interlocutor de acaso procuramos um canto do «poço» que facultasse conversa. E ouvi:

— Há tempos, veio até estas paragens, em digressão, uma família lá da Vila. Após a refeição, naquela esplanada, (e apontou a larga planície da montanha) visitou este lugar onde nos encontramos. Cresceu-lhe onda de horror ao deparar como uma mulher ainda nova, esquelética, que, inanimada, se arrastava neste pavimento que agora pisamos, com a boca atulhada de terra. Humanamente, levantou deste leito encarpinhado, tomou-a nos braços, procurando incentivar-lhe alento, levando-a até à Castanheira. Através de inúmeras dificuldades, indagou da identidade, da infeliz. Mais tarde soube-se, depois de aturadas investigações, que a desgraçada era natural do Porto. Foi confiada às autoridades daquela cidade. Na esquadra da Polícia onde fora entregue trabalhava, como caidador, um moço que reconheceu a abandonada... Este participou à família o ocorrido, que logo a recolheu ao seu seio.

Declinava o sol. As businas dos carros convidam a reunir...

Despedi-me do amável informador, arriscando a pergunta:

— Mas quem conduziu essa mulher até aqui?

O vento soprava. Secamente, à entrada do «poço», arquivei esta resposta:

— É um mistério de Santo António da Neve!

FARPINHAS

—E vai daí... estava cá. De-nina flor de novo cá no burgo, logo pois, e foi daqui, ficou lá... Eis go correm à conquista do seu pensão quando, vão de lá para cá... fume... fazendo mil e uma coisas mas ainda oito dias não eram passados e, numa esplendida noite de nevoeiro, lá vai arrebatado outra vez com armas, bagagens e comitiva, para a terra do inolvidável Pêra... No meio de tudo, os -cobres-falam como gente e como estamos em maré do — quem dá mais — Homem, com bastante prole, vai aproveitando os caprichos dos Potentados. Bem haja.

—Pinga Amor... Optimo papel que em tempo vimos desempenhado pelo bom actor que é Ribeirinho. Pois cá na terra havia um cavalheiro com créditos que tais, mas agora, há mais um... Pranzinhos ambos, eles parecem 2 borboletas e assim que se lhes depara qualquer femi-

DESCIDA...

Nova sinfonia de motores.

Partida! Adens à Serra! o seu espinhaço reveste-se de cores violáceas. Sombras gigantes invadem o horizonte...

Na mesma ordem da subida sob a orientação do comandante, Eduardo Silva, também nosso camarada na imprensa, todos se reúnem e cumprem.

A descida torna-se emocionante! É tentador subir a Serra, mas sugestiona, muito mais, desce-la! O crepúsculo deu-me nuances que a paleta de um pintor de génio não traduz...

Os veiculos voavam... A Ribeira-de-Pêra, mostrava todo o seu esplendor, a deslizar, serena, por entre abraços estreitos de terra que a afagava, reflectindo as cabeleiras esverdeadas do arvoredo que executava, ao levantar da brisa morna, a partitura «Fim da Tarde».

A bordo, ao resfolar dos motores, disparavam-se impressões...

O meu Camarada de officio, José de Oliveira Braga, inteligente repórter-fotográfico, limpava o suor, expressando, satisfeito:

— Trabalhei! Mas resta-me a consolação de fazer figurar no meu arquivo inéditos motivos que nunca mais uma objectiva observará!

E, entusiasmado:

— Adquiri um friso de elevada classe artística, — e explica: — Surpreendi num dos parentesis da Serra um grupo de mulheres a rezar, ajoelhadas, em penitência emocionante; fiz películas de interessantes aspectos, que traduzem o movimento, lá no alto, neste dia memorável. E conclue:

— Levo um riquíssimo album!

O artista sorria de satisfeito, como criança a quem fora oferecido interessante brinquedo.

De novo, cá em baixo!

Lanço um olhar à Serra distante que, a pouco e pouco, se esconde entre a neblina pesada — o mesmo nevoeiro da manhã — como se o sol tivesse recomendado:

— Não quero que a lua veja as maravilhas que ilumino!

Castanheira de Pêra, Agosto—46.

Pereira da Silva (Pedro)

Gosta de altitudes? Visite Castanheira de Pêra e o Santo António da Neve e Trevim, já em plena Serra da Lousã, a uma altitude de 1.100 e 1.204 metros.

Melhoramentos

Sabemos que a Câmara deste concelho a que preside o industrial sr. Manuel Alves Ceppas, está animada da melhor boa vontade em dotar os respectivos lugares com aqueles requisitos mínimos que se lhe tornam indispensáveis. Um deles é o fornecimento de água potável e, para isso, tem sido feitos já diversos estudos e outros estão em curso, de maneira a poder servir as povoações de Troviscal, Gestosa, Sarnadaz, Sarzedas de S. Pedro e Sarzedas do Vasco e outros se lhe seguirão de maneira a que dentro do concelho não haja qualquer povoação que não esteja convenientemente abastecida com água.

Da mesma maneira nos consta que se pensa em levar a luz eléctrica até ao lugar dos Moredos no que a respectiva população está bastante interessada.

No lugar da Sapateira, também há interesse em que lhe seja fornecida luz, porém, não está ainda constituída a Comissão que há de angariar fundos para custear parte das despesas que são deveras elevadas visto haver aqui necessidade de instalar um posto de transformação para o qual a Câmara não tem verba orçada.

Ramal das Perdizes

Cada vez se torna mais indispensável a abertura do ramal das Perdizes, através do pinhal deste nome onde há um caminho público, e que liga a Estrada do Fontão (futura estrada do Espinhal, com a estrada de Figueiró dos Vinhos. A abertura deste ramal daria uma mais rápida saída e entrada nesta vila, para quem viesse ou fosse para Figueiró dos Vinhos e daí para diante. Pela parte dos proprietários dos terrenos sabemos haver toda a boa vontade em ceder o que for preciso e, por isso, a Câmara pensa em promover o estudo respectivo afim de solicitar a competente participação.

Estrada do Amial

Pensou-se em tempo na construção de uma estrada de ligação para este lugar, quase vizinho desta vila. Julgamos que alguns estudos se iniciaram, mas nada mais se soube sobre o caso.

Que haverá de positivo a respeito?

Dr. Augusto Barreto

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila este venerando democrata e ilustre filho de Castanheira de Pêra que se encontra a passar alguns dias em casa de seus parentes, Família Bissaya Barreto.

Visite a Casa da Criança Rainha D. Leonor e, se gostar, participe na sua manutenção, a bem das crianças,